PARA ALÉM DO CAPITAL: rumo a uma teoria da transição¹

Por: Antonino Infranca²

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Trad. de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002. 1.104 p.

Livro monumental de Mészáros – talvez o único discípulo de Lukács vivo e que ainda se identifica com as ideias do mestre – foi publicado em 1995, em inglês, mas não perdeu sua atualidade após duas décadas de sua primeira aparição, porque os problemas ali enfrentados ainda estão presentes.

Mészáros foi aluno de Lukács durante os poucos anos (1946-49) de ensino universitário do filósofo húngaro, antes de sua aposentadoria, em decorrência da polêmica violenta que contra ele desencadeou o regime stalinista húngaro. Mészáros continuou a declarar-se discípulo de Lukács, mesmo durante os anos mais difíceis da ditadura stalinista. Desta forma, tornou-se membro da primeira formação da “escola de Budapeste”, da qual outros membros foram Agnès Heller, István Hermann, Fehér Almasi, Ferenc e Denés Zoltai. Após a revolução de 1956, ele se refugiou na Itália, ensinando língua húngara e literatura na Universidade de Turim, em seguida mudando-se para a Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Sussex. Faleceu em outubro passado, com 87 anos de idade. Mészáros é mundialmente conhecido por seu ensaio sobre alienação em Marx, por vários ensaios sobre Lukács e Sartre e por sua análise do fenômeno da globalização.

¹ Este artigo foi traduzido por Stefano Mota e revisado por Caio Antunes.

² Doutor em Filosofia pela Academia Hungara das Ciências, Mestre em Filosofia pela Università Degli Studi di Pavia, graduação em Filosofia pela Università Degli Studi di Palermo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia. E-mail: toni.infranca@gmail.com

Para além do capital parte de uma primeira observação sobre o principal defeito do capitalismo atual: “a *produção* e seu *controle* estão separados e se encontram diametralmente opostos um ao outro. [...] A *produção* e o *consumo* adquirem uma independência extremamente problemática e uma existência separada” (MÉSZÁROS, 2002, p. 105). O sistema capitalista deve controlar e dominar a circulação de capitais para superar as contradições entre produção e circulação, dominando e subordinando o complexo social, “transcendendo não somente todas as barreiras regionais” (MÉSZÁROS, 2002, p. 105) e esmagando os direitos humanos dos trabalhadores e de seus familiares. A primeira conclusão negativa que Mézáros destaca é a seguinte: “em todas as três situações mencionadas acima, o defeito estrutural do controle profundamente enraizado está localizado na *ausência de unidade*” (MÉSZÁROS, 2002, p. 49). O capital tem um princípio regulatório: “o objetivo e o princípio orientador da produção se tornam: como assegurar a *máxima* expansão possível (e a correspondente lucratividade) na base de uma taxa de utilização *mínima*, que mantenha a *continuidade* da reprodução ampliada” (MÉSZÁROS, 2002, p. 684-5).

Para Mézáros deve-se falar em “capital”, uma vez que não é correto falar apenas em “capitalismo”, porque “o primeiro abarca bastante mais que isto: ocupa-se, além do modo de funcionamento da sociedade capitalista, das condições de origem e desenvolvimento da produção do capital, incluindo as fases em que a produção de mercadorias não é abrangente e dominante como no capitalismo (MÉSZÁROS, 2002, p. 1029), como é o caso do capital financeiro. Na verdade, nos países do socialismo real, que Mézáros chama de “sociedades pós-capitalistas”, houve uma produção de mercadorias, mesmo que em uma pequena escala em comparação com o capitalismo, e permaneceu intocada a exploração do trabalho vivo, isto é, nunca aconteceu a socialização dos meios de produção, como foi prometida no período da experiência socialista na Rússia. Em essência, os trabalhadores permaneceram subordinados ao controle estatal de produção, como é o caso em países capitalistas. O objetivo de Lenin era melhorar as condições materiais de vida dos trabalhadores, mas ele só pôde realizar a revolução política e morreu no início da verdadeira revolução social. De acordo com Mézáros, Stalin não entendia que o trabalho precisava ser continuado.

O maior erro dos “sistemas socialistas” foi substituir a política e seu instrumento de operação, o partido, pela economia e seu instrumento de operação, o capital. Ambos os sistemas não funcionaram devido ao “inevitável fracasso da extração política forçada do trabalho excedente que naufragou na relutância de uma força de trabalho desmotivada e até hostil em muitos aspectos” (MÉSZÁROS, 2002, p. 162).

Tendo adotado um sistema de produção industrial moderno, os “países socialistas” não poderiam operar sem o capital, então começaram – Mészáros sustenta que Stálin começou, após a vitória na guerra – a introduzir um ‘socialismo de mercado’, que acabou por abalar completamente todo o sistema, demonstrando que o sistema soviético não tinha nada a ver com o socialismo. A divisão do trabalho e a hierarquia a ela associada nunca foram superadas (MÉSZÁROS, 2002, p. 470). As reformas prometidas nos anos de 1960, no curso da queda do stalinismo, ainda estavam presentes no programa de Gorbachev – uma demonstração de que não haviam sido realizadas.

Mészáros concentra todo o seu livro na possibilidade de superação da existência do domínio do capital e na necessidade desta superação. Mészáros aborda a crise em curso afirmando que, na realidade, a crise que estamos enfrentando hoje não começou em 2008, mas tem raízes mais antigas, pelo menos na década de 1970. Trata-se de uma crise de domínio e de insuficiência em seu desenvolvimento, porque os países de capitalismo avançado estão limitados a reproduzir, ano a ano, o produto interno bruto existente, com pequenos crescimentos e colapsos repentinos. A falta de crescimento provoca uma diminuição da riqueza, para a qual o número de pobres está em constante crescimento e a exploração ilimitada do meio ambiente está comprometendo o futuro da humanidade. Assim, “necessitamos urgentemente de uma teoria socialista da transição [...] para que se reexamine o quadro conceitual da teoria socialista, elaborada originalmente em relação ao ‘cantinho do mundo’ europeu” (MÉSZÁROS, 2002, p. 37). Assim, a superação socialista do capital deverá ser global e social.

Um sistema de tal modo estruturado não é mais controlável porque o metabolismo social do capital não é apenas desprovido de uma unidade central, mas também a divisão entre o econômico e o social é determinada pelas leis internas do desenvolvimento do capital, que já não levam em conta a dimensão humana. Tudo o que se relaciona ao homem como homem e que não é em si submetido em sua existência ou em seu desenvolvimento à categorias econômicas é necessariamente negado. Assim, os dois principais pontos de fragilidade do capital globalizado, o meio ambiente e o homem, este último capaz de trabalhar, mas constrangido a um contínuo intercâmbio orgânico com a natureza, não são integrados ao sistema capitalista. A consequência é que serão continuamente negados ou ocultados, com o resultado de tornar o planeta cada vez mais inabitável e cada vez mais explorado pelo ser humano.

Além desses problemas, no livro são analisadas outras tendências da crise atual do capitalismo. Primeiro, "1) seu *caráter* é *universal* [...]; 2) seu *alcance* é verdadeiramente *global* [...]; 3) sua *escala de tempo* é extensa, contínua, se preferir, *permanente*; 4) seu *modo* de se desdobrar poderia ser chamado de *rastejante*" (MÉSZÁROS, 2002, p. 795-6). Além disso, para Mészáros "devido à sua *necessária negação do futuro*, o sistema do capital está encerrado no círculo vicioso do curto prazo" (MÉSZÁROS, 2002, p. 175-6). Na prática, o capital não consegue programar sua existência longamente, no máximo por curtos períodos. A contradição mais explosiva do capital é a sua necessidade de ampliar a massa de consumidores e de diminuir o trabalho vivo (MÉSZÁROS, 2002, p. 658). Entretanto, se não houver distribuição de trabalho/riqueza, o consumo também colapsa e o crescimento do capital é posto em risco.

De fato, uma das características da produção capitalista refere-se à função do Estado, que a de é coordenar todos os microcosmos que compõem o sistema do capital, garantindo-lhes a máxima liberdade de produção, comércio e acumulação (MÉSZÁROS, 2002, p. 108) – mas de garantir, na prática, a autorreprodução destrutiva do capital em inúmeros setores. Assim, grandes massas de trabalhadores são empurradas, cada vez mais, para o mundo do trabalho, em formas de trabalho cada vez mais alienantes. A emancipação das mulheres foi assim transformada em um instrumento suplementar de exploração da força de trabalho (MÉSZÁROS, 2002, p. 266) e uma verdadeira emancipação feminina continua um objetivo a ser alcançado.

Todo controle desta liberdade deve ser garantido (*contrattato*) e é frequentemente considerado pelas personificações do capital como um limite incompatível com o funcionamento do sistema sociometabólico do capital. Por esta razão é necessário estabelecer órgãos não estatais que atuem no terreno do Estado, até a sua negação: "o fenecimento do Estado" – que "é inconcebível sem 'o fenecimento do capital' como regulador do processo sociometabólico" (MÉSZÁROS, 2002, p. 594). Não é uma tarefa fácil, mas tem de começar a ser operada fora do âmbito do Estado. Atualmente o capital destrói o Estado de Bem-Estar social e age extraparlamentarmente contra o mundo do trabalho: as instituições políticas não conseguem fazer frente a ofensiva do capital. A complexidade do capital continuamente coloca em crise a possibilidade de um controle social concreto (MÉSZÁROS, 2002, p. 974).

Para Mészáros, portanto, a superação do capitalismo é uma necessidade urgente do presente, se a humanidade quer libertar-se da exploração e ter um projeto de vida

neste planeta, mas para atingir esse objetivo, a superação da divisão do trabalho é condição mínima.

O livro é, assim, dedicado, em parte, à análise do nascimento do socialismo moderno, à retomada marxista de alguns conceitos de Hegel, a posições críticas de Lukács e algumas outras figuras representativas da tradição socialista e marxista e, finalmente, na redefinição de alguns conceitos fundamentais do novo socialismo, com o objetivo de completar o trabalho crítico de Marx (MÉSZÁROS, 2002, p 45). Entre as muitas observações de Mészáros, trago à tona uma assertiva típica de Hegel, mas que é um slogan real para qualquer postura futura daqueles que querem superar, na raiz, os problemas da vida humana: "realização dos objetivos socialistas globalmente difundidos na devida escala é inconcebível sem a *dialética da quantidade e da qualidade* em todo o complexo das relações da reprodução social em que estão integradas a ciência e a tecnologia" (MÉSZÁROS, 2002, p 266). É assim legitimado um sistema real de controle da realização de qualquer objetivo que se pretende socialista. Eu diria que é mesmo claramente possível a essência de um futuro no socialismo.

Mészáros também define os objetivos do futuro socialismo:

1. a regulação da atividade reprodutora biológica, mais ou menos espontânea e imprescindível, e o tamanho da população sustentável, em conjunto com os recursos disponíveis;
2. a regulação do processo de trabalho, pelo qual o indispensável intercâmbio da comunidade com a natureza produz os bens necessários para gratificação do ser humano, além dos instrumentos de trabalho, empresas produtoras e conhecimentos pelos quais se pode manter e aperfeiçoar esse processo de reprodução;
3. estabelecimento de relações adequadas de troca, sob as quais as necessidades historicamente mutáveis dos seres humanos podem ser associadas para otimizar os recursos naturais e produtivos (inclusive os culturalmente produtivos);
4. a organização, a coordenação e o controle das múltiplas atividades pelas quais se asseguram e se preservam os requisitos materiais e culturais para a realização de um processo bem-sucedido de reprodução sociometabólica das comunidades humanas cada vez mais complexas;

5. a alocação racional dos recursos humanos e materiais disponíveis, combatendo a tirania da escassez pela utilização econômica (no sentido de economizadora) dos meios e formas de reprodução da sociedade, tão viável quanto possível com base no nível de produtividade atingido e dentro dos limites das estruturas socioeconômicas estabelecidas; e
6. a promulgação e administração das normas e regulamentos do conjunto da sociedade, aliadas às outras funções e determinações da mediação primária (MÉSZÁROS, 2002, p 208).

Mészáros pretende a libertação de indivíduos como indivíduos, não como personificações do capital; indivíduos que possam dar vida a uma ação comum, a um movimento plural. A atividade dos indivíduos associados será “a riqueza da produção” contra a “produção de riqueza” alienada e reificada, ou seja, pelo trabalho os indivíduos irão garantir a sua reprodução, e não a do capital. Trata-se de propor, como Marx sinalizava, que a qualidade da produção (produtividade) subordine a quantidade de produção. Isto é possível a partir da instabilidade da relação capital/trabalho e do seu antagonismo mútuo.

A definição de tais objetivos universais, mas ao mesmo tempo tão precisos, implica a superação de certos esquemas, como por exemplo um socialismo nascido da luta e a hegemonia de uma única classe. Agora as vítimas do capitalismo globalizado devem voltar a refletir sobre os objetivos de um futuro socialismo; vítimas não só pelo pertencimento de classe, mas também pelas formas, mais sofisticadas, de exploração a que estão sujeitas. A revolução contra a exploração começa a partir de uma constatação: a exploração não é uma condição de existência universal, o planeta Terra não dispõe de recursos que a possibilitem, os seres humanos não têm de aceitá-la se almejam um futuro como humanidade. A resistência ao capital é uma luta pela vida. A extensão do fenômeno da globalização significou que o capitalismo reduz à condição de vítima do sistema mesmo aqueles que realizam funções ou tarefas distintas, mesmo opostas em si. O socialismo nasce, assim, da necessidade de preservar a esfera mais humana do ser humano, sem objetivos mais específicos ou particulares, porque a exploração do planeta e do ser humano chegaram a níveis que são agora intoleráveis. É fácil entender que o corpo do homem ou o meio ambiente em que ele vive é a esfera mais humana do ser humano. Mészáros conclui com uma observação, que é um convite: “o significado do pluralismo socialista [...] emerge precisamente da capacidade das forças participantes de *combinar*, num todo coerente com implicações socialistas *em última análise* inevitáveis, uma grande variedade de demandas e estratégias parciais que,

em si e por si, não precisam ter absolutamente nada de *especificamente socialista*” (MÉSZÁROS, 2002, p. 818). A revolução socialista “deve subordinar todos os elementos da sociedade”, como Marx (2011, p. 217) recorda nos *Grundrisse*. A frente de luta é, portanto, tão ampla quanto numerosas são as vítimas do sistema, porque na realidade o capitalismo globalizado é a única “internacionalização” existente e efetivamente eficiente. A esta “internacionalização” do capital, as vítimas devem ser capazes de contrapor uma “internacionalização” sem barreiras de classe, ou de nação, ou de raça. Certamente não é uma tarefa fácil, mas é absolutamente necessária.

Referências

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Trad. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

Recebido em 23/08/2018

Aprovado em 08/09/2018